

# **Educação Ambiental na perspectiva do Currículo Multicultural Crítico: uma abordagem para formação de professores da educação básica.**

## **Environmental Education in the perspective of Critical Multicultural Curriculum: an approach to teachers training of basic education.**

**Teresa Cristina Lopes Medeiros Faruolo**

IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio  
faruolo@ig.com.br

**Cristianni Antunes Leal**

IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio  
caleal1@gmail.com

**Alexandre Maia do Bomfim**

IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio  
alexma@uol.com.br

### **Resumo**

A Educação Ambiental (EA) como prática educativa surge a partir da transformação da sociedade em face da crise socioambiental. O processo de globalização presente dentro e fora do espaço escolar requer a formulação de uma prática pedagógica inovadora. A escola como espaço formal para a construção do conhecimento incorpora essa responsabilidade. Embora apresentando responsabilidade social, a EA é pouco prestigiada pelos professores da educação básica em sua prática escolar. Dentre as várias dificuldades enfrentadas pelos docentes, a questão da identidade cultural é apontada como um fator desprestigiado durante a formulação do currículo de EA. A escola não abarca o multiculturalismo, ao contrário disso, através de sua ideologia pedagógica, atua como um instrumento de homogeneização e de assimilação à cultura dominante. O presente artigo pretende demonstrar que é possível desenvolver um currículo multicultural que seja crítico para o advento de possíveis mudanças na forma de se fazer EA crítica na escola.

**Palavras chave:** Currículo Multicultural Crítica, Educação Ambiental Crítica, Formação de professores.

### **Abstract**

The Environment Education (EE) as educational practice appears from the changes of society in the face of environmental crisis. The process of globalization presents in and out of school space requires the formulation of a new pedagogical practice. The school as a formal space to the construction of knowledge incorporates this responsibility. Although presenting social responsibility, EE is few prestigious for teachers of the basic education in its school practice.

Among several difficulties faced by teachers, the question of cultural identity is pointed as an underprivileged factor during the formulation of EE curriculum. The school doesn't cover the multiculturalism, unlike that, through of its pedagogical ideology, acts as an instrument of homogenization and the assimilation to dominant culture. The present article intends to show that is possible develop a multicultural curriculum that is critical to the advent of possible changes in the way of to do EE critical in school.

**Keys words:** Critical Multicultural Curriculum, Critical Environmental Education, Teachers training

## Introdução

A Educação Ambiental como prática educativa surge a partir da iminente transformação da sociedade em face da crise socioambiental implantada principalmente nas últimas décadas. “A urgente transformação social de que trata a educação ambiental visa à superação das injustiças ambientais, da desigualdade social, da apropriação capitalista e funcionalista da natureza e da própria humanidade” (SORRENTINO *et al.* 2005, p. 287).

A crescente preocupação com as questões ambientais chegaram a patamares expressivos dentro das diversas esferas da sociedade. A escola como espaço para a construção do conhecimento incorpora novas responsabilidades no que diz respeito à concepção e prática ambiental no espaço escolar. A educação deve procurar uma nova leitura para a Educação ambiental comumente trabalhada nas escolas de modo a legitimar um movimento ambiental mais crítico acerca da crise civilizatória. Para (MACHADO, 2008, p. 1), “É no cenário de crise socioambiental que se começa a repensar a relação entre a educação, à sociedade e o meio ambiente”.

Embora apresentando vultosa responsabilidade social, essa temática é pouco prestigiada pelos professores da educação básica em sua rotina escolar. Existem vários entraves para tal questão, um deles, por exemplo, é sinalizado pelas dificuldades enfrentadas pelos docentes ao desenvolverem essa temática na prática escolar. Essa dificuldade pode estar relacionada ao modo como o currículo de Educação Ambiental é elaborado pela equipe pedagógica, este, tende a ser imparcial as diferenças socioculturais.

O ensino tem como meta primordial a aprendizagem, seja em espaço formal ou não, isso acompanha a humanidade desde os primórdios da sociedade. A aprendizagem é complexa, não se define por transmissão de conhecimentos, como coloca FREIRE (1975) se referindo à educação bancária, mas deve haver uma troca mútua de conhecimento e estreita relação com a vida dos alunos. Nesse contexto, é possível perceber a importância de se conhecer a realidade sociocultural na qual a comunidade escolar está inserida, no momento da organização do currículo de Educação Ambiental.

O ambiente escolar abarca as questões culturais. As causas que levam as crises socioambientais vão além das relações sociais. A identidade cultural é um fator decisivo para a forma como se conduz as questões ambientais e o modo de vida de uma sociedade.

Durante a elaboração do currículo escolar, tais aspectos não são prestigiados. MORALES et al (2010) afirmam que o multiculturalismo e Educação Ambiental apresentam laços estreitos, emergiu como manifesto contra a preconceitos, diferenças de gênero, etnias, cor, com os cuidados para com o meio ambiente etc.

Não obstante, a formulação do currículo escolar e a Educação Ambiental ocorrem de forma isolada, não é levada em contas a projeção que essa temática possui na formação do cidadão no espaço formal. Para GAZINELLI (2002):

[...] o currículo deve explorar a sua menção cultural e imaginária, oferecendo oportunidades, a professor e aluno, para a construção e de representações mais apropriadas a um novo significado e papel a ser desempenhado por eles no domínio ambiental (GAZINELLI, 2002, p. 176).

Como previsto em lei, através dos Parâmetros curriculares Nacionais (PCN), o ensino de Educação Ambiental deve permear todas as disciplinas no ensino básico, devendo focar as relações humanas, ambientais e sociais de forma a proporcionar a formação de cidadãos críticos (BRASIL, 1996). Entretanto, a realidade escolar não está em consonância com essa perspectiva. “A dimensão ambiental é, na sua essência, interdisciplinar” (MININNI, 1994, FOLLARI, 1999; *apud* BIZERRIL; FARIA, 2001, p. 59).

Vários autores afirmam que os professores não realizam um trabalho integrado em relação à temática ambiental e que as questões ambientais geralmente são restritas às disciplinas de Ciências e Geografia. Para MACHADO (2008), os professores destas disciplinas abarcam de maneira mais habitual o desenvolvimento e projetos ligados a Educação Ambiental do que outras disciplinas escolares.

Este trabalho objetiva traçar diálogos entre a educação e os efeitos da globalização, o currículo multicultural e sua contribuição para a Educação Ambiental e finalmente a formação de professores em relação a um movimento ambiental crítico.

## **Os efeitos da globalização na contramão da educação.**

Os efeitos da globalização no Brasil foram sentidos em meados do século passado em todas as esferas da sociedade. Na educação isso não foi diferente. Não temos como negar que o ambiente externo à escola, os efeitos da globalização e avanços da tecnologia se tornam mais atrativos do que a própria escola. A respeito disso, CHASSOT (2003) afirma que:

Não temos dúvidas do quanto a globalização confere novas realidades à educação. Talvez, para uma facilitação, pudéssemos dirigir nosso olhar para duas direções. Primeira, o quanto são diferentes as múltiplas entradas do mundo exterior na sala de aula; e a outra direção, o quanto essa sala de aula se exterioriza, atualmente, de uma maneira diferenciada (CHASSOT, 2003, p. 91).

Inevitavelmente, a outra face da globalização trouxe consequências negativas no campo da educação. A escola também foi rotulada como mero produto do mercado hegemônico assim como tudo que vemos, ouvimos e sentimos. O currículo escolar é construído de maneira a atender apenas a classe dominante nivelando as classes sociais, não deixando lacunas a promoção do senso crítico, além de mascarar as culturas pré existente. A respeito disso, MOREIRA et al (2003) afirmam que:

Se por um lado, esse processo tem mostrado a necessidade de se compartilhar valores relativos à preservação e à qualidade de vida e no planeta, por outro, implica também a intensificação do processo de homogeneização cultural (MOREIRA *et al.* 2003).

Para HERNÁNDEZ e VENTURA (1998), o processo de globalização converge para outras noções como pluridisciplinaridade, ensino integrado e interdisciplinaridade, sendo esta última a que mais mereceu atenção dos especialistas.

A globalização tende a transformar e a homogeneizar as culturas padronizando-as, o que se torna perigoso, pois pela sua própria essência hegemônica podem dar fim as culturais menos favorecidas que não deixam de serem identidades próprias de uma sociedade.

A globalização, determinada pelas ideologias neoliberais, econômicas e políticas, tem uma dimensão cultural substantiva via mercado de produtos culturais, que impõe uma globalização cultural especialmente pelas tecnologias de informação e comunicação-transporte, afetando os modos de pensar e viver dos indivíduos, de grupos e das sociedades de países, regiões ou lugares, com diferenciações de intensidade e abrangência. (SACRISTÁN, 2002; MAGNOLI, 2003; SANTOS, 2006, *apud*, MORALES *et al.* 2010, p. 32).

Portanto, este é o desafio que nos colocamos: como construir um Multiculturalismo Crítico (conforme MCLAREN, 2000) diante de uma proposta hegemônica em que se impõe uma globalização homogeneizante? Tendo que a Educação é complexa (FREIRE, 1975) assim como o mundo é complexo, a nossa proposta é construir um ensaio teórico crítico, quer dizer, com o posicionamento de que numa sociedade de classes, com interesses diversos não podemos constituir qualquer Educação Multicultural ou qualquer Educação Ambiental, pois o risco é grande de se constituir encaminhamentos ainda mais conservadores e (em nossa reflexão) menos eficazes, de fato.

### **O Currículo Multicultural e a Educação Ambiental**

Entende-se por currículo como sendo o percurso de algo a ser alcançado dentro de uma trajetória pré-estabelecida. Na educação trata-se do que se aprende e ensina e a forma como esse processo ocorre.

A formulação do currículo escolar deve estar atenta a diferentes contextos social e político de modo a atender a comunidade escolar, afim de que seja cumprido o verdadeiro propósito da escola: a transformação da sociedade. A identidade de um povo está embasada em diferentes etnias e culturas. Nesse contexto, torna-se conveniente que os programas educacionais contemplem o multiculturalismo crítico ao abordarem a Educação Ambiental no currículo escolar. Essa perspectiva garante em o compromisso e responsabilidade da escola na formação de cidadãos éticos na esfera ambiental e social.

Os programas norteadores da educação ambiental devem ser reformulados. Segundo SACRISTÁN (1998), a escola hoje, através de sua ideologia e em seus usos organizativos e pedagógicos, atua como um instrumento de homogeneização e de assimilação à cultura dominante, o que não é desejável, ao contrário disso, devem ser resgatadas às culturas apagadas pela dinâmica cultural hegemônica que se instalou na sociedade. “Uma das dimensões educativas que pode contribuir efetivamente com o enfoque multicultural é a Educação Ambiental, em sua finalidade comprometida com uma Ética da Responsabilidade frente à vida” (ORDÓÑEZ, 1992; JONAS, 1995, *apud* MORALLES *et al* 2010, p. 33).

Para BARRETO e ANDRADE (2001), os caminhos trilhados pela escola são limitados pelo currículo escolar, pelo planejamento das atividades cotidianas, e o despreparo dos professores para compreender a Educação Ambiental e pela falta de uma interdisciplinaridade.

Ao elaborar os conteúdos relacionados com as questões ambientais, o professor deve contemplar o multiculturalismo na sua prática pedagógica, a fim de promover uma interação dos conhecimentos já construídos pelo aluno rumo a uma reflexão coletiva.

Um dos domínios particulares de apropriação e reconstrução de valores, de confronto entre ações e conhecimentos, práticas e representações, no campo ambiental, pode ser o currículo concebido como processo social no qual interagem diferentes referenciais de leitura da realidade e diferentes sujeitos (GAZINELLI, 2002, p. 175).

Não obstante, como assumir o Multiculturalismo sem esvaziar a luta em comum, dos que são explorados na sociedade capitalista? Entendendo que havendo diferentes lutas, com suas especificidades (a luta das minorias, dos negros, das mulheres, dos homossexuais) é importante ter no horizonte a própria crítica ao sistema capitalista, que segrega naturalmente... Como assumir o Multiculturalismo sem que isso signifique pulverização das lutas? Adjetivá-lo como “crítico” é suficiente (cf. MCLAREN, 2000)?

Nossa reflexão nos leva ao entendimento de que é convergindo as lutas, o que Löwy (2005) classifica como sendo a luta dos vermelhos e a luta dos verdes, que poderemos obter mais eficiência e eficácia ecológica. Ou seja, reconhece-se que há lutas específicas, como há lutas locais, mas que elas só podem ser críticas de fato se ampliarem seus horizontes, buscando as causas de todas as segregações causadas pelo Sistema do Capital (MESZAROS, 2005). E o desafio é levar essa reflexão para a Educação.

### **A formação de professores e a Educação Ambiental**

O desenvolvimento da Educação Ambiental no espaço escolar ocorre de forma deficitária (BIZERRIL; FARIA, 2001). A falta de contextualização e reflexão crítica sobre o modelo que rege a sociedade nos dias atuais demonstra serem os pontos fulcrais da crise socioambiental. BOMFIM; PICOLLO, 2009 sinalizam que:

Seria muito importante que a EA alcançasse grau máximo de crítica, saísse do patamar da higienização e culpabilização simplista de todos os indivíduos para: (1) questionar o incentivo consumista da sociedade capitalista; (2) apontar os principais responsáveis pela degradação ambiental; (3) mostrar que o aumento no nível de consciência da crise ambiental proporcionalmente não a diminui [...] (BOMFIM; PICOLLO, 2009, p. 8).

A escola deve passar por uma profunda mudança organizacional e política em termos de Educação Ambiental. Já não é mais concebível uma prática passiva e tradicional, onde são considerados projetos escolares que somente contemple a mitigação dos resíduos e a reciclagem, em contrapartida, é notório também que somente o exercício de uma consciência ambiental e mudança comportamental possam findar a crise ambiental que assola o planeta. BOMFIM; PICOLLO (2009), afirmam que a degradação do planeta só será amenizada quando a sociedade mudar seu comportamento em relação ao seu hábito de consumo. Para JACOBI (2003):

A realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias diante da reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes (JACOBI, 2003, p. 191).

Precisamos de novas respostas, ainda que sejam para velhas questões. O problema continua a ser o Sistema do Capital na sua exploração de todos, e isso se relaciona com a degradação ambiental. Os currículos precisam incorporar a diversidade, mas isso não pode resultar em

pulverização e dispersão, pois ainda perseguimos o que é universal, essa é uma característica de nossa educação, uma aspiração de nossa cultura, que ainda reconhecemos como legítima.

### **Considerações finais**

São necessárias políticas educacionais emergentes para que o currículo escolar deixe de ser excluyente. Há a necessidade de se promover um currículo que sociabilize todas as áreas do saber. Nesse sentido, pode ser resgatada a identidade cultural que antes, fora silenciada, em favor da identidade cultural hegemônica.

A formação inicial do professor e as normas institucionais educacionais também merecem igual atenção das esferas do poder. O conhecimento do docente e equipe pedagógica acerca da Educação Ambiental como processo educativo é desafiador e determinante para que se tenha uma educação para o pleno exercício da cidadania.

Temos observado que a escola procura transmitir para os educandos o conhecimento pronto sobre o meio ambiente e suas questões. A temática ambiental é enfocada de forma e isolada e fragmentada, por meio de disciplinas específicas através do currículo escolar.

As práticas docentes podem ser reformuladas ainda que estejam mergulhadas num turbilhão que se transformou o mundo em detrimento ao processo de globalização. O professor pode se aproveitar disso para a construção de práticas pedagógicas dentro da proposta do currículo multicultural.

Nesse contexto, a educação ambiental pode ser inserida num currículo multicultural crítico. As aulas podem ter um aspecto mais atrativo e não apelativo, que possam promover a criticidade e o exercício a cidadania. Tais atividades interativas devem propor uma educação onde o aluno é a peça central e ativa de todo o processo de construção científica, capaz de fazer o intercâmbio com a sociedade da qual ele faz parte.

### **Referências**

- BARRETO, J. G., ANDRADE, V. D. A. 2001. **Educação Ambiental, Currículo e atuação do professor**. Monografia apresentada como parte das exigências para conclusão do curso Normal Superior, Faculdade de Viçosa.
- BIZERRIL, M. X. A.; FARIA, D. S. Percepção de professores sobre a educação ambiental no ensino fundamental. **Revista Brasileira. Est. Pedagógico**. Brasília. v. 82, n. 200/201/202, p. 57-69, jan./dez. 2001.
- BOMFIM, A. M. O (Sub) Desenvolvimento (In) Sustentável: A Questão Ambiental Nos Países Periféricos. **Revista Trabalho Necessário**. IFRJ. 2010. BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1996.
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação **Revista Brasileira de Educação** nº 22, p.89-100, jan./fev./mar./abr./ 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1975.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**, Paz e Terra, 15ª Edição. 2000.
- GAZZINELLI, M. F. Representações do professor e implementação de currículo de Educação Ambiental. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, março/ 2002.

GONÇALVES, N. Estudos Culturais e currículo multicultural: contribuições para reflexão do currículo na escola. **Revista Digital. Buenos Aires**, Ano 15, Nº 147, Agosto de 2010.

HERNÁNDEZ, F., VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho. O conhecimento é um caleidoscópio**. 5ª edição. Editora Artmed, 1999.

JACOBI, P. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, mar 2003.

LÖWY, M. **Ecologia e Socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, J T. **Um estudo diagnóstico da Educação Ambiental nas Escolas do Ensino Fundamental do Município de Piracicaba/SP** In: IV Encontro Nacional da Anppas. Esalq/USP. 4 a 6 de jun. Brasília, Brasil. 2008.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Bomtempo, 2005.

MORALLES, A. G., LIMA, J. E. S., KNECHTEL, M. R., CARNEIRO, S. M. M., NOGUEIRA, V. 2010. **Educação Ambiental e Multiculturalismo: reflexões para a formação de educadores**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.5, n.1, p. 31-38, jan.-jun. 2010.

MOREIRA, A. F. B., NETO, A. V., MACEDO, E. F., LOPES, J. S. M., SANTOS, L. L. C., CORAZZA, S. M. 2003. **Currículos: questões atuais**. 9ª Edição, Papirus Editora.

OLIVEIRA, S. S. de; BASTOS, F. Formação continuada de professores de educação básica e o ensino de ciências naturais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. [s. l.], v.1, n.2, p. 1-14, 2006. ISSN: 1982-5587.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; JUNIOR, L. A. F. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, UEFS. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.